

A humanidade conheceu um homem corajoso que abalou estruturas com seus atos e ideias. Jesus Cristo não utilizou a violência para isso, mas ensinou que devemos amar a Deus, ao próximo e a si mesmo. Não obstante a capacidade do Mestre, seus alunos nem sempre praticam as lições aprendidas, oprimem ao outro e a si mesmo, quando se afastam de Deus, utilizando até mesmo razões celestes para impor interesses particulares, para isso estabelecem regras, leis que normatizam o pensamento, cerceando qualquer iniciativa individual discordante. O dogma, no seu sentido pejorativo, é este fundamentalismo da verdade incontestável, imposta por um grupo com interesses de dominação.

O comportamento adequado era ensinado pela dogmática que respondia aos questionamentos, distinguindo o certo do errado. O papel da espiritualidade era substanciar esta influência e o da mística era inibir pensamentos discordantes.

Atualmente experimentamos um desprestígio da dogmática, em especial a religiosa, fruto do descompasso dos anseios do homem moderno com as soluções apresentadas pelas instituições. As respostas já não satisfazem pois as explicações religiosas não são suficientes para dar sentido a muitas pessoas.

A frustração não foi amenizada com as propostas ideológicas que se mostravam como uma alternativa à religião, porém os problemas não cessaram, nem sequer foram encontradas suas causas. O mundo sofre constantes mudanças, a novidade de hoje é a velocidade com que essas alterações acontecem. O desenvolvimento tecnológico é extraordinário, a ciência avança em progressão geométrica, porém não significa que a humanidade esteja mais fraterna, ao contrário, o individualismo é estimulado pelo sistema que privilegia o consumo ilimitado, bem como a competição com objetivos nublados.

O resultado é o secularismo. O indivíduo já não depende das instituições religiosas e não busca soluções em organizações laicas, trilha um caminho independente, não faz parte de uma igreja mas acredita em Deus, não é filiado a partido político mas defende seus interesses, busca um resultado sem predeterminações.

Os assuntos mais atraentes são os relacionados à ética, por se tratar de um viés supostamente independente de qualquer instituição, principalmente religiosa.

Inobstante a letargia das organizações, a solução não pode ser encontrada fora do relacionamento homem com Deus e, por conseguinte, homem com outros homens e consigo. Os ensinamentos bíblicos superam as intenções particulares, ou seja, não estão subordinados aos interesses que se distanciam do bem.

Por certo o uso inadequado da religião desacreditou muitos grupos e se faz necessário uma reinterpretação do papel destas lideranças na sociedade. Quando surgem no meio social, dúvidas éticas deve-se perseguir uma solução que se harmonize com os valores humanos,

porém percebemos, muitas vezes, que as alternativas se distanciam da vida para atender interesses egoístas, econômicos e pragmáticos.

Evidentemente existe um problema no mundo. Os níveis de violência são preocupantes, os meios de comunicação nos levam a acreditar que não existem limites para a maldade, conflitos banais resultam em homicídios, disputas entre nações não passam pelo entendimento da fraternidade, interesses econômicos superam com folga os interesses humanos, o monopólio do poder justifica qualquer meio para alcançá-lo, o individualismo provoca indiferença pelas dificuldades que afetam outras pessoas. Estes comportamentos estão corroendo a humanidade, o destino traçado é de destruição, portanto a conversão é uma necessidade urgente.

Os valores éticos impostos por aqueles que não se interessam pela vida criam a impressão equivocada que seguir regras injustas nos livra do mal, como o Apóstolo Paulo alertou, a “lei mata”, não estamos advogando a anarquia, mas a leitura coerente do homem pelo homem e não da lei como fim em si mesma.

Jesus enfrentou a moral do seu tempo, baseada em regras que justificavam a morte. Ele utilizou uma ética diferente para livrar a mulher de ser apedrejada, mesmo que a aplicação da pena capital fosse legal. A figura de Cristo impactou grandemente, a todos que experimentaram Sua presença, seja por aqueles que foram beneficiados com Seu amor, seja aqueles que discordavam com as atitudes “revolucionárias”.

Cristo ensinou a inclusão num mundo em que a regra era retirar as pessoas do grupo, qualquer deslize era suficiente para uma rígida penalidade, porém tais normas se fixavam nos elementos externos, ou seja, para pertencer ao grupo deveria ostentar a obediência às leis. A lei defendia a guarda do sábado, mas não se importava se o preço era o malefício a um outro ser humano. O indivíduo pertencia a um grupo, mas não se relacionava com as pessoas que não foram eleitas, os menos favorecidos não eram considerados seres humanos.

As crianças eram desprezadas, muitas morriam antes de completar seis meses de vida, maior “valor” tinha um filhote de um animal, mas Jesus não permite que elas sejam maltratadas, acolhe com carinho e alegria, responde com amor a espontaneidade infantil. As mulheres eram propriedades do seu pai e quando se casava era de seu esposo, não podiam ter propriedades, nem sequer podiam andar sem acompanhantes, mas Jesus trata as mulheres com dignidade. Os doentes, ou pessoas com deficiências físicas não podiam participar da sociedade, tinham o estigma do pecado, eram culpados mesmo sem ter praticado nenhum mal, eram verdadeiros escravos da exclusão, Jesus Cristo libertava pela cura, perdoava os pecados, restaurava as vidas. Os estrangeiros não eram pessoas na sua plenitude, a sociedade judaica não permitia que os “impuros” contaminassem o ambiente com sua presença, com essa prática ninguém poderia penetrar esse muro que separa judeus e não-judeus, Jesus avança por esses limites, não olha para a raça, ou local de nascimento, etnia ou outro qualquer adjetivo que são utilizados para afastar.

Jesus ensinou que as nossas inseguranças não são resolvidas excluindo os semelhantes, não podemos oprimir o outro para suprimir nossas frustrações, o caminho é o inverso, ou seja, devemos viver o amor ao próximo para que junto com ele conhecer a si próprio, pois foi assim que Deus nos criou, somos filhos do amor divino e quando damos lugar ao mal impedimos o nosso desenvolvimento.

Qual é a ética de Jesus Cristo? Como podemos praticar esta ética de Cristo? Por que a humanidade precisa desta ética?

Estes questionamentos deveriam estar presentes em todos os ambientes, independente de crença ou ideologia. As divisões doutrinárias não podem ser suficientes para eclipsar a luz da ética de Cristo, vivemos um momento extraordinário, as pessoas estão abertas ao conhecimento, as informações estão sendo difundidas com uma facilidade jamais vista, o nível cultural é melhor hoje e isto significa que devemos despertar a sensibilidade para as questões da vida.

Por fim, a ética de Cristo é a da inclusão, o homem é verdadeiramente homem quando faz uma doação pelo seu semelhante, somente é possível crescer quando progredimos juntos, em sociedade, isto significa que vida plena é a que vivemos com Deus, consigo próprio, com o seus parentes, seus vizinhos, com aqueles que congregam na mesma comunidade religiosa, com aqueles com que trabalha, faz negócios, porém não é só, isso não é suficiente, devemos relacionar nossos contatos com todas as pessoas que estão ao nosso alcance. Ninguém pode ser excluído. Precisamos viver a vida dos outros, valorizando a vida, com toda a dignidade que o ser humano tem, esta dignidade é um dom de Deus.

Jesus Cristo se fez homem para nos ensinar a sermos homens na sua plenitude.

Texto baseado no livro CASTILHO, José M., *A Ética de Cristo*, Edições Loyola, 2010, SP.

